

economia

Randoncorp anuncia mudança na gestão

Sérgio L. Carvalho deixa a função de CEO, que passará a ser de responsabilidade do presidente Daniel Randon

/ INDÚSTRIA

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul
economia@jornaldocomercio.com.br

A Randoncorp comunicou ao mercado, nesta quinta-feira, que o atual CEO, Sérgio L. Carvalho, deixará de exercer esta função, e a de presidente e diretor executivo (CEO) da Frasle Mobility, a partir de 1º de setembro de 2025. Esse movimento, estabelecido no processo de governança das empresas, reflete o planejamento individual do executivo, tanto no aspecto profissional quanto pessoal, considerando o seu desejo de voltar a residir nos Estados Unidos, onde mora a sua família.

Neste novo contexto, Carvalho passará a atuar para a Randoncorp como consultor executivo sênior, na função de consultoria externa independente. Nesta função, contribuirá no planejamento estratégico da empresa e seguirá membro dos conselhos deliberativos das joint-ventures Master Freios e JOST Brasil.

O executivo assumiu como CEO da Randoncorp em 2022, fo-

cado na internacionalização da empresa, no crescimento acelerado e no fortalecimento do Comitê Executivo. Durante este período, os principais indicadores financeiros, como receita, ebitda e lucro líquido, aumentaram de quatro a nove vezes. A aquisição de 23 novas empresas desde então posicionou a Randoncorp e a Frasle Mobility de maneira diferenciada no exterior, além de ampliar o portfólio de produtos e a exposição ao segmento de reposição das duas companhias.

A Randoncorp atualmente está presente em mais de 125 países, possui 33 operações industriais e 20 centros de distribuição em 10 países. “Nos últimos anos, foi possível imprimir uma velocidade importante na transformação da empresa, com uma nova e mais resiliente estrutura de negócios, tecnologias avançadas e crescimento da presença internacional. A partir da minha nova função, queremos reforçar ainda mais esses movimentos, em especial na América do Norte e em outros mercados estratégicos”, destaca.

Daniel Randon, que já ocupou a posição de presidente e CEO da empresa de 2019 a 2021, retorna à gestão em um momento diferente, de maior maturidade da governança, com estruturas organizadas e lideranças fortes à frente do Comitê Executivo e das verticais de negócio da companhia. “Estamos seguros com esse movimento e de que será mais uma etapa relevante para a estratégia de crescimento sustentável, com foco no mercado externo. Essa decisão, tomada de comum acordo e alinhada com o planejamento individual do Sérgio, está sendo possível porque, nos últimos anos, a empresa avançou para um alto patamar de governança”, frisa. A partir da nova estrutura, Daniel Randon assumirá a presidência da Frasle Mobility e Anderson Pontalti, atual diretor de operações (COO), passará ao cargo de CEO, respondendo por toda a empresa no Brasil e exterior.

No segundo semestre de 2024, a Randoncorp promoveu uma reorganização no Comitê Executivo, com a criação de dois cargos de vice-presidentes executivos



Daniel Randon (e) volta como CEO e Carvalho será consultor executivo

(EVP) para gerenciamento das operações internacionais da empresa. Anderson Pontalti responde pelas unidades das verticais autopeças e montadora nas geografias internacionais, com exceção da América do Sul. Ricardo Escobza assumiu como EVP América do Sul e COO da vertical autopeças, respondendo pelas operações das verticais autopeças e montadora na América do Sul.

O Comitê Executivo passou a contar também com um novo inte-

grante: Marcos Baptistucci, que assumiu a função de diretor de pessoas e cultura, liderando as frentes de pessoas e cultura, marca e reputação, saúde, segurança e meio ambiente e relações trabalhistas e sindicais. O órgão ainda conta com Paulo Prignolato, vice-presidente da Randoncorp e diretor financeiro (CFO); Daniel Martin Ely, vice-presidente da Randoncorp e COO da Rands; e César Augusto Ferreira, diretor de tecnologia e inovação (CTIO).

Empresa apura lucro líquido de R\$ 408 milhões

A Randoncorp encerrou 2024 com a maior receita líquida consolidada da sua história de 76 anos, alcançando R\$ 11,9 bilhões, aumento de 9,4% na comparação com o exercício anterior. O lucro líquido de R\$ 408,1 milhões é 7% superior ao de 2023 e a margem líquida fechou em 3,4%, levemente abaixo do ano anterior, de 3,5%. Os dados constam do balanço financeiro divulgado na quarta-feira (19) e detalhado pela gestão do conglomerado para analistas de mercado em teleconferência na manhã de ontem.

O ebitda ajustado chegou a R\$ 1,6 bilhão, alta de 6% em relação a 2023, com margem de 14%. De acordo com a companhia, o ano reuniu conquistas relevantes em diferentes verticais da companhia, principalmente pela expansão dos negócios no exterior e em segmentos como a reposição. “Fechamos um ano repleto de movimentos estratégicos, fundamentais para a perenidade dos negócios. O foco agora está na integração das novas empresas e na busca pela captura de sinergias. Com isso, ampliaremos a rentabilidade e reduzi-

mos a alavancagem, ainda dentro do próximo ciclo”, destacou o CFO Paulo Prignolato.

No mercado externo, a empresa teve receita líquida de US\$ 437,8 milhões, recuo de 6,2% em relação a 2023. O resultado se deve à queda de 26,8% nas exportações, as quais somaram US\$ 142,5 milhões. Já as receitas das operações localizadas no exterior somaram R\$ 295,3 milhões, alta de 8,6%.

Ao longo do ano, o conglomerado aportou R\$ 1,576 bilhão, aumento de 66%, com destaque para os investimentos não orgânicos, na ordem de R\$ 633 milhões, alta de 367% sobre 2023. Para investimentos orgânicos foram destinados R\$ 460 milhões, incremento de 32,6%, e para integralização de capital, R\$ 482 milhões, acréscimo de 3,7%.

A dívida líquida, sem incluir valores do Banco Randon, fechou em R\$ 2,6 bilhões, alta de 63%. De acordo com a companhia, o crescimento se deve, principalmente, pela captação de recursos para a aquisição da EBS na ordem de R\$ 477 milhões, e o maior custo médio da dívida no mercado nacional pela elevação da taxa Selic.

Haddad isenta Galípolo por alta de juros e culpa herança de Campos Neto

/ CONJUNTURA

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou nesta quinta-feira que o Banco Central tem a obrigação de fazer a inflação cair e está buscando uma meta exigente. Segundo ele, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fará a sua parte para o controle de preços. O chefe da equipe econômica isentou o atual presidente do BC, Gabriel Galípolo, pelo choque de juros dado pela autoridade monetária e disse que a nova cúpula tem uma herança da gestão anterior, do ex-presidente Roberto Campos Neto, para administrar.

“Você não pode, na presidência do Banco Central, dar um cavalo de pau depois que assumiu (o cargo). Isso é uma coisa muito delicada. Um novo presidente, com os novos diretores, eles têm uma herança a administrar, mais ou menos como eu tive uma herança a administrar em relação ao Paulo Guedes”, disse Haddad. Na quarta-feira, o Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu por unanimidade elevar a taxa básica de juros

(Selic) em um ponto percentual, de 13,25% para 14,25% ao ano, mesmo nível atingido durante a crise da gestão Dilma Rousseff (PT).

No comunicado, o colegiado do BC sinalizou que os juros vão continuar subindo na próxima reunião, em maio, e que pretende fazer uma nova alta de menor intensidade. Apesar da indicação, evitou se comprometer com um ritmo específico de ajuste.

“Nós queremos uma inflação cada vez mais comportada, sabendo que, quando ela sai da banda, o Banco Central tem que tomar providência para trazê-la para o patamar convencionado com o Conselho Monetário Nacional [colegiado formado pelos ministros da Fazenda e do Planejamento e pelo presidente do BC]”, afirmou Haddad. “Acredito muito que a equipe do BC vai fazer o trabalho corretamente para trazer a inflação (para meta) e nós vamos fazer a nossa parte”, acrescentou. O alvo central perseguido pelo BC é 3%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos.



Na comparação com o ano anterior, resultado teve alta de 9,4%